



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A HETEROGENEIDADE MOSTRADA E O DISCURSO CONTRA A MULHER EM DEFESA DA CASTIDADE: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO XII DA OBRA *VIRGEU DE CONSOLAÇON*

Bruna Plath Furtado¹

Roselene de Fátima Coito²

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise que contempla o capítulo XII da obra *Virgeu de Consolaçon*, a qual foi escrita no século XIV da língua portuguesa. Por se tratar de um texto de doutrinação religiosa direcionada, no período de sua produção, aos clérigos, o livro tinha como objetivo divulgar as práticas que deveriam ser adotadas pelos bons cristãos. O capítulo analisado neste trabalho versa especificamente sobre a defesa e manutenção da castidade. A partir da noção de *heterogeneidades enunciativas* (AUTHIER-REVUZ, 1990) pretendeu-se desenvolver um estudo sobre os efeitos de sentido encontrados no discurso em questão, sob a ótica da Análise de Discurso e o subsídio teórico de alguns mecanismos de análise da *heterogeneidade mostrada*.

Palavras-chave: Análise de discurso; heterogeneidades enunciativas; português medieval.

Abstract: This paper proposes an analysis that includes the chapter XII of Virgeu Consolaçon's work, which was written in the fourteenth century of the Portuguese language. Because it is a text of religious indoctrination directed, in the period of its production, to the clergy, the book aimed to disclose the practices that should be adopted by good Christians, the chapter analyzed in this paper specifically deals with the protection and maintenance of chastity. From the notion of *enunciative heterogeneities* (AUTHIER-REVUZ, 1990), it was intended to develop a study on the effects of meaning found in the speech in question, under the perspective of Discourse Analysis and based on some theoretical framework of analysis mechanisms towards the *enunciative heterogeneities*.

Keywords: Discourse Analysis; enunciative heterogeneities; medieval Portuguese language.

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, área de concentração em Estudos Linguísticos, participa do grupo de pesquisas Gpleiadi.

² Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1990), mestrado em Estudos Literários (1996) e doutorado em Estudos Literários (2003), ambos pela mesma instituição. Realização de Pós-doutorado nos anos 2008-2009 na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – Paris – sob a supervisão do Prof. Dr. Roger Chartier. Atualmente, é professora associada C na Universidade Estadual de Maringá.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo desvelar as formas de heterogeneidades mostradas e sua atuação sobre o capítulo XII da obra *Virgeu de Consolação*. Por se tratar de um texto de doutrinação religiosa direcionado, no período de sua produção, aos clérigos, o livro tinha como objetivo divulgar as práticas que deveriam ser adotadas pelos bons cristãos.

Na primeira seção do trabalho fizemos um breve levantamento teórico acerca da noção de *heterogeneidades enunciativas*, sobretudo *heterogeneidade mostrada*, desenvolvida por Authier-Revuz (1990). Apresentamos, também, definições sobre conceitos como *polifonia*, *pressuposição*, *discurso direto e indireto livre* e *citação de autoridade*, as quais foram embasadas na leitura de Mainguenu (1997).

No segundo momento, apresentamos o contexto em que o *corpus*, objeto de nossos estudos, foi produzido, suas características doutrinárias e seus objetivos religiosos, comuns ao tipo de texto selecionado para a análise.

Por último, apresentamos a análise acerca do capítulo selecionado para evidenciarmos como as formas de heterogeneidade podem trazer à tona os constituintes de um discurso.

1 Heterogeneidades Enunciativas

Conforme Authier-Revuz (1990, p. 26), o sujeito “é mais falado do que fala”, pois “toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito” de modo que a palavra não pode ser neutra, ao contrário, ela é atravessada por outros discursos. Assim, apenas um Adão mítico, isento do contato com discursos anteriormente produzidos, poderia criar um discurso próprio que, não sendo permeado por aquilo que já foi dito, significaria apenas o que ele desejasse realmente dizer. Sobre esta não-neutralidade e não-transparência do discurso, temos que, a partir do estudo do segundo esquecimento do qual trata Pêcheux, recuperado por Orlandi (2003), os indivíduos vão se constituindo enquanto sujeitos nos processos de funcionamento da língua. Dessa forma, o sujeito tem a ilusão de ser fonte de seu discurso quando na verdade toda produção discursiva é determinada, como postula Orlandi (2003), pelo interdiscurso. Dito de outro modo,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2003 p.32)

Authier-Revuz (1990) acrescenta o fato de o sujeito não ser uma entidade homogênea e exterior à linguagem, sendo ele, na verdade, clivado, descentrado e mais especificamente o resultado de uma estrutura complexa. A autora salienta que romper com a concepção de EU da subjetividade clássica (interior diante da exterioridade do mundo) desvela o sujeito como múltiplo e heterogêneo no qual a exterioridade é interior, de modo que, constitutivamente, tanto no sujeito quanto no discurso está o Outro.

Em seus trabalhos, Authier-Revuz (1990, p. 32) desenvolve a noção de heterogeneidades enunciativas, as quais podem ser de duas ordens: a primeira, denominada *heterogeneidade constitutiva do discurso*, está no nível “dos processos reais de constituição dum discurso”; a segunda é denominada *heterogeneidade mostrada do discurso* e está no nível “dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição”. Nas palavras de Maingueneau (1997), ao definir *heterogeneidade mostrada e constitutiva*,

a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, p75)

Sobre a heterogeneidade mostrada, temos, ainda, que esta pode ser de dois tipos: *marcada* (por aspas, discurso direto) ou *não-marcada* (ironia, metáfora, discurso indireto). Authier-Revuz (1990, p. 29, 30) argumenta que a heterogeneidade mostrada designa tanto “um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia” quanto “uma alteridade a que o fragmento remete”.

Para as análises que nos propusemos desenvolver observaremos, sobretudo de que modo a *heterogeneidade mostrada* pode desvelar como a fala do Outro constitui o discurso, para tanto, alguns conceitos retomados por Maingueneau (1997, p. 75) e aos quais ele chama de “fenômenos dependentes da heterogeneidade mostrada”, como a noção de polifonia, serão abordados a seguir.



1.1 Heterogeneidade mostrada

Conforme esboçamos anteriormente, a *heterogeneidade mostrada* dá conta das marcas explícitas da presença do Outro no discurso por meio de suas manifestações que podem ser recuperadas na superfície do discurso. Para o trabalho de análise da atuação da *heterogeneidade mostrada*, Maingueneau (1997, p.75) discorre sobre um “conjunto de mecanismos” importantes para as análises de discurso. Os mecanismos recuperados pelo autor e sobre os quais devemos desenvolver a análise são: *polifonia*, *pressuposição*, *discurso direto*, *discurso indireto livre* e *citação de autoridade*.

A noção de *polifonia* apresentada por Ducrot (1987, p.1961) contesta o já exposto pressuposto da unicidade do sujeito falante. Posteriormente, essa teoria é retomada por Maingueneau (1997, p. 76), que está subsidiado nas formulações propostas por Ducrot, que esclarece que há *polifonia* “quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os **enunciadores** e os **locutores**”. Nesse esquema, *locutor* é definido como o responsável pelo enunciado³, o qual nem sempre é o produtor físico do enunciado (autor efetivo), e nas palavras de Ducrot

entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa. Mesmo que não se leve em conta, no momento, o discurso relatado direto, ressaltar-se-á que o locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Há de fato casos em que, de uma maneira quase evidente, o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser, apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado. (DUCROT, 1987 p. 182)

Enquanto que os *enunciadores* são definidos como,

seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas; efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite

³ Conforme definição proposta por Ducrot (1987, p.166), em oposição à noção de frase, o conceito de “enunciado” é abordado neste trabalho como fragmento de discurso.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

expressar seu ponto de vista. Ou seja, o locutor pode pôr em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua. (MAINGUENEAU, 1997, p 77)

O autor prossegue ao salientar que o discurso irônico apresenta tanto a voz do *locutor* quanto a do *enunciador*, funcionando, assim, como um mecanismo de análise da *heterogeneidade mostrada*.

Conforme Ducrot (1983, p. 216), outro mecanismo igualmente importante para análise da materialidade linguística principalmente no que diz respeito à heterogeneidade, é a *pressuposição*, sobre o qual ele propõe tratar-se de um processo que apresenta dois enunciadores – E₁ e E₂ – que são responsáveis pela informação *pressuposta* e *posta*, respectivamente. Assim em um enunciado como “Pedro parou de fumar”, temos a informação posta – “Pedro não fuma atualmente” – de E₂ e vinculada ao locutor, e a informação pressuposta – “Pedro fumava anteriormente” – atribuída a E₁ e assimilada a uma voz coletiva, na qual o locutor está localizado.

Ao discorrer sobre *heterogeneidade*, Maingueneau (1997, p.85), também ressalta o *discurso direto e indireto livre* como formas clássicas de manifestação da *heterogeneidade enunciativa*. Conforme o autor, o discurso direto pode ser definido como a presença de um segundo locutor em um enunciado atribuído a um primeiro locutor. Enquanto o *discurso direto* apresenta marcas mais claras de *heterogeneidade* o *discurso indireto*, como ressalta Maingueneau (1997, p.97), compreende enunciadores cujo enunciado “não pode ser atribuído nem a um nem ao outro”, ou seja, “não é possível separar no enunciado as partes que dependem univocamente de um ou de outro”.

Por último, ao selecionar mecanismos de análise da heterogeneidade no discurso, temos a *citação de autoridade* sobre a qual Maingueneau (1997, p.100) afirma que, geralmente, apresenta enunciados que já são conhecidos por uma coletividade. Conforme o autor, a distância entre o locutor e o enunciado, pelo qual ele não se responsabiliza, retomado no discurso não indica apenas rejeição, ao contrário, pode indicar uma adesão. Nesse caso, o que acontece é um apagamento do “locutor” (l) diante de um “Locutor” (L) com credibilidade cujo enunciado garante, por meio de um funcionamento da língua que permite a produção de sentidos específicos, a validade do discurso.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

2 Da obra *Virgeu de Consolaçon* e a mulher na Idade Média

Conforme Lima (2009), a obra *Virgeu de Consolaçon* é parte de uma coleção à qual pertencem textos como o *Catecismo de doutrina cristã*, o *Tractado das mediações e pensamentos de S. Bernardo*, entre outros. De autoria não identificada o texto compreende setenta e oito capítulos dispostos em cinco partes, cujas duas primeiras discorrem sobre os pecados e os vícios e as três seguintes sobre as virtudes.

A produção do texto *Virgeu de Consolaçon* remonta ao século XIV, período político português denominado dinastia de Avis, instalada em Portugal no ano de 1385 pelo rei D. João I. Nesse período, muitos textos de característica doutrinária foram produzidos e entre os objetivos almejados estava o de divulgar e instalar as práticas que deveriam ser adotadas pelos bons cristãos.

Conforme Maleval (2004) foi durante a Idade Média que a imagem de bruxa e causadora de todos os malefícios aos homens foi fortemente vinculada à mulher e cristalizou-se. A elas eram atribuídos males como doenças, deformidades, esterilidade, impotência e questões relativas à natureza como secas e tempestades. Como eram consideradas bruxas e demoníacas, durante a caça aos hereges, promovida pela igreja, as mulheres se tornaram o principal alvo da inquisição.

De acordo com Maleval (2004), a imagem maléfica a qual a mulher foi fortemente vinculada foi construída durante os séculos e pode ser localizada em vários textos como o *Malleus Malleficarum*, o qual foi oficializado pelo Papa como manual de perseguição às bruxas no período da santa inquisição e que levou à tortura e à morte mais de 100 mil mulheres. Esse documento tem como um dos seus principais fundamentos para a sua aversão às mulheres e sua posição antifeminista a criação de Eva a partir de uma costela de Adão. Para os antifeministas medievais, essa origem bíblica da mulher faz que ela seja interpretada como um símbolo de marginalidade e atribui a ela uma inferioridade natural, além de responsabilizá-la pelo pecado original e, conseqüentemente, pela expulsão do homem do paraíso e todos os males que se instalaram após essa expulsão.

A experiência pessoal dos autores-inquisidores, aliada à ficção do Gênesis, e ao que tudo indica à psicótica interpretação de fatos e textos, os leva a destacarem nas mulheres a natureza rebelde e a debilidade congênita, que as conduziriam ao sentimento de vingança, buscando castrar os machos com os poderes da magia.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Atribuem-lhes também a maior sensibilidade à tentação demoníaca, ao malefício, por serem mais crédulas, mais impressionáveis, ou mais charlatãs e luxuriosas. (MALEVAL, 2004 p. 3)

Maleval (2004) destaca, ainda, que passagens bíblicas eram utilizadas para confirmar a maldade e a malícia das mulheres; a sensualidade e a luxúria atribuída a elas também eram consideradas um canal de atuação do demônio, dessas considerações se concluiu que a cobiça carnal, insaciável nas mulheres, é a origem de toda a bruxaria e que sendo os homens mais intelectualmente fortes que elas são estes também mais capazes de repudiar tais atos. Em algumas obras do período arcaico da língua portuguesa, a mulher é apresentada como o maior obstáculo à ascensão espiritual que era desejada pelos cavaleiros e religiosos. Em outros textos elas são representadas como pecadoras, endemoniadas, astuciosas e vingativas, ou seja, a mulher vigorava como fonte de perigo e sua imagem estava fortemente ligada ao diabo.

3 *Virgeu de Consolaçon: capítulo XII - A heterogeneidade mostrada e a argumentação em favor da castidade*

O capítulo doze pertence à quinta parte da obra *Virgeu de Consolaçon* e cujo assunto é a castidade masculina. O livro era destinado aos clérigos e monges da idade média, os quais pertenciam à doutrina religiosa católica e haviam feito voto de castidade. O capítulo analisado apresenta um ensinamento para aqueles que se dispuseram a viver em castidade. Toda a argumentação textual de *Virgeu de Consolaçon* se dá para que a castidade seja alcançada ou mantida, assim os clérigos, para os quais a obra era destinada a princípio, deveriam seguir as instruções contidas no texto para que não fossem desvirtuados.

A partir desse contexto, desenvolvemos a análise do capítulo XII de *Virgeu de Consolaçon* acerca de alguns mecanismos propostos em Ducrot (1987), retomados por Maingueneau (1997), e que são pertinentes para o estudo do discurso sob a ótica da heterogeneidade mostrada: polifonia, pressuposição, discurso direto e indireto e citação de autoridade. Os excertos retomados ao longo das análises desta seção do artigo são seguidos de uma “tradução”⁴ para português atual destacada em itálico e que tem o objetivo de facilitar a compreensão texto.

⁴ As traduções apresentadas neste trabalho acerca do português arcaico em relação ao português contemporâneo foram elaboradas pela autora do artigo, Bruna Plath Furtado.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A heterogeneidade mostrada está presente ao longo de todo discurso analisado, sendo que o mecanismo que fica mais evidente é a *citação de autoridade*. Os nomes aos quais os enunciados são atribuídos (São Jerônimo, Sêneca, Santo Agostinho, João bispo, Orígenes, São Basílio, Crisóstomo e Platão) representam santos e sábios que configuram não só a sabedoria religiosa, mas também a filosófica. O discurso é tão repleto de citações que há, a partir do segundo parágrafo do texto, quase um completo apagamento de I diante de L, como já salientava Maingueneau (1997, p.100) ao tratar da *citação de autoridade*.

1.

Duodecimo capitulo – da fala e conversaçõ que os homens nõ devẽ aver co as mulheres.(VEIGA, 1958 p.87)

Décimo segundo capítulo – da fala e conversa que os homens não devem ter com as mulheres.

O excerto 1 veicula não apenas uma informação posta – “o capítulo XII trata da fala e da conversa que os homens não podem ter com as mulheres”, informação posta atribuída a E₂ o locutor do discurso – mas também uma informação pressuposta “existem falas e conversas que os homens podem ter com as mulheres, das quais o capítulo XII não trata”, este conteúdo pressuposto é a atribuído a E₁ que representa uma voz coletiva. No *corpus* analisado se apresenta sempre motivos e argumentos para que os homens mantenham-se longe do diálogo com pessoas do sexo oposto, pois, de acordo com o texto, qualquer com contato (ver, conversar, ficar perto) que homem venha a ter com uma mulher pode ser o suficiente para que ele seja corrompido pelo diabo. Apesar de o texto analisado defender a ideia que o homem deve se manter afastado do contato com as mulheres, a pressuposição encontrada em 1 abre a possibilidade para que se pense sobre quais conversas um homem pode ter com uma mulher, já que o *corpus* não contempla que diálogos são seguros aos castos.

O *locutor* (I) salienta, ao longo de todo o texto, enunciados que atribuem às mulheres a origem da perdição dos bons homens. Esses enunciados são sempre atribuídos a seus respectivos *Locutores* (L), cuja autoridade religiosa ou a sabedoria são em princípio inquestionáveis.

2.

E diz san Jeronimo que nõ pode o homẽ cõ todo seu entendimento parar mentes en Deos, que muito husa a companhia das mulheres. E diz adeante que duas cousas son



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

per todo religioso he doestado: a primeyra he querer ameude falar e conversar com mulheres; a outra he comer viandas boas [...] (VEIGA, 1958 p.87)

E diz são Jerônimo que não pode o homem com toda sua sabedoria pensar em Deus se muito usa a companhia das mulheres. E diz em seguida que duas coisas são para todo religioso motivo de injuria: a primeira é querer muito falar e conversar com mulheres; a outra é comer carnes boas [...]

No excerto 2 o locutor retoma um enunciado, que ele atribui a são Jerônimo (Locutor), no qual comparam-se dois atos (comer carnes boas e conversar com mulheres) ambos indicados como prejudiciais ao homem religioso. Ao comparar o ato de conversar com mulheres ao de comer carnes boas sem expor efetivamente os malefícios dessas ações o discurso abre espaço para a polifonia de enunciados, assim, o efeito de sentido que mais facilmente poderá ser ativado é o de quão prazeroso é comer boas carnes, cujo prazer, neste caso, pode ser comparado ao de conversar com mulheres, e o de quão penoso, sacrificante é um jejum e que, neste caso, é comparável ao sacrifício em manter a abstinência da conversa com as mulheres. Desse modo o enunciado compara uma forma de gula a “conversar com mulheres”, de forma que se pode atribuir a este um estatuto de pecado ao mesmo tempo em se atribui também as possíveis formas de prazer que possam ser obtidas.

3.

E diz Seneca que ante el queria aver olhos de lobo cervical ou lereosos ou nênhûus por tal que nõ podesse veer mulheres. (VEIGA, 1958 p.87)

E diz Sêneca que antes ele preferia ter olhos de lobo ou leprosos ou não tê-los contanto que não pudesse ver mulheres.

4.

E diz sancto Agostinho [...] assi como das brasas saaẽ faiscas e do ferro ferrugẽ e das serpentes peçonha, ben assy da cõpanhia e da convesaçõ das mulheres sempre nace desejo [...] (VEIGA, 1958 p.87)

E diz santo Agostinho [...] assim como das brasas saem faiscas e do ferro ferrugem e das serpentes peçonha, também da companhia e da conversa das mulheres sempre nasce desejo [...]

5.

E diz san Jeronimo: Se o homẽ mancebo conversar muito ou morar co mulheres, nõca lhe falecerá scandalo do diaboo. (VEIGA, 1958 p.87)

E diz são Jerônimo: Se o homem novinho conversar muito ou morar com mulheres nunca lhe acabará o escândalo do diabo.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

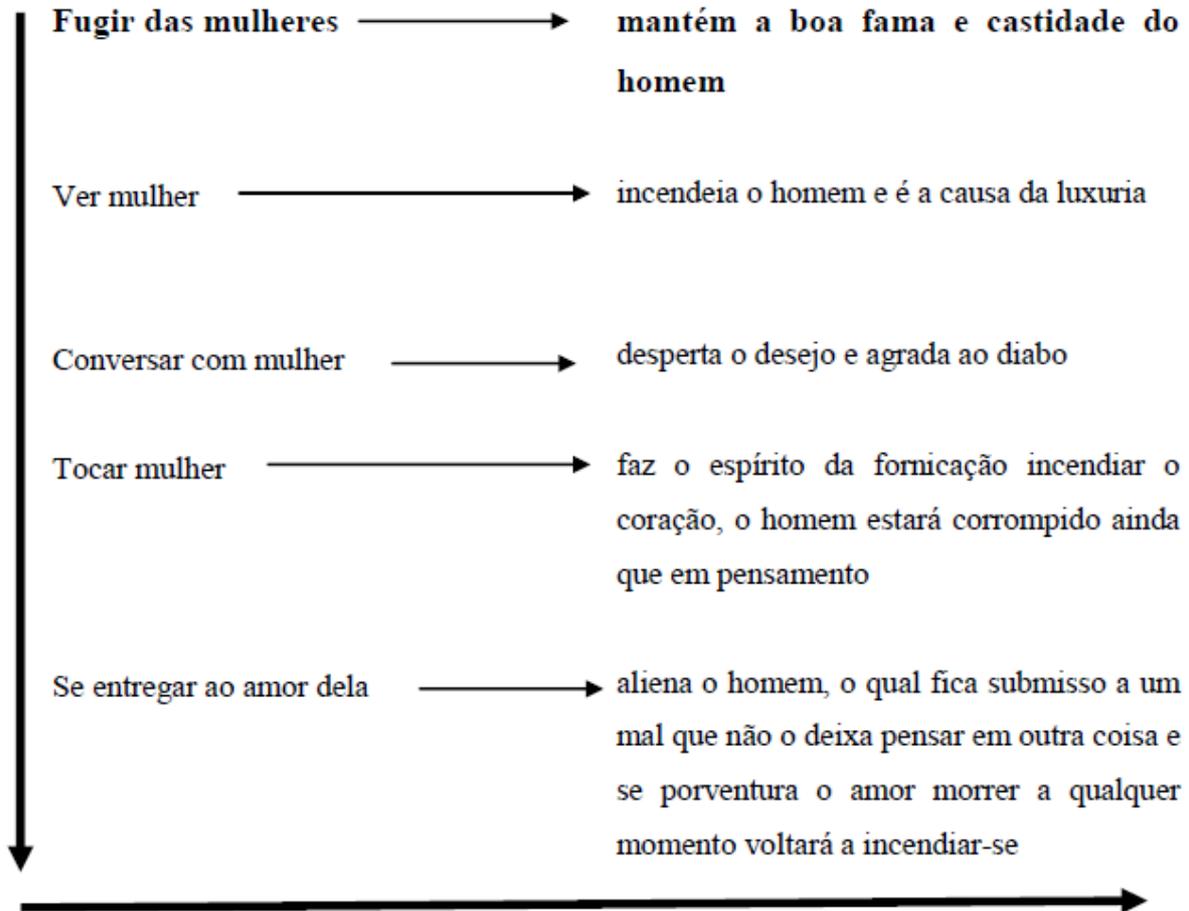
Em **3** o locutor retoma um enunciado atribuído a Sêneca que poderia suscitar a curiosidade do leitor e cujo questionamento inicial seria: *que poderes tem a imagem de uma mulher sobre o homem que a contempla que faz o sábio desejar ser cego a ver mulheres?*

Apesar de também atemorizar os homens, no que diz respeito a qualquer tipo de contato que tenham com as mulheres, devido à forte relação que o texto faz entre o perfil da mulher, com seus diabólicos poderes sedução (excerto 4), e a causa das maiores desgraças que possam acabar com toda a virtude dos homens de bem (excerto 5), o discurso analisado, como podemos confirmar pelos exemplos 3, 4 e 5, é sobretudo uma forma de “propaganda” contra as mulheres direcionada para aqueles religiosos que cresceram e foram educados por padres para se tornarem padres, cuja realidade de um monastério não permitiu contato com mulheres durante seu desenvolvimento, mas que como toda propaganda é capaz suscitar a curiosidade. Neste caso, o discurso age na contramão na medida em que o “produto” passa a ser a mulher e a estratégia de venda o “não experimente”. E para os leitores religiosos mais experientes, os quais poderiam ser **autores efetivos** de discursos como o de *Virgeu de Consolaçon*, a forma de descrever e representar a mulher pode ressuscitar sentimentos, desejos e lembranças de romances proibidos que provavelmente terminaram às custas da manutenção da aparência de uma castidade. Essa visão sobre a polifonia do discurso analisado fica mais evidente quando relemos o exemplo 4 que é comparável a uma poesia.

O discurso analisado apresenta uma gradação no que diz respeito a relações que o homem não deve ter com as mulheres se quiser manter-se casto e atingir, um dia, a santidade. Essa gradação é construída ao longo do discurso, cada ação corresponde a um certo distanciar-se do objetivo (castidade) e aproximar-se da perdição completa:



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016



A partir da representação exposta anteriormente é possível visualizar no topo o ideal que deve ser seguido pelo homem que se comprometeu com a castidade. A negação da máxima “fugir das mulheres” acarreta em “ver mulheres” e desencadeia as ações seguintes. O eixo horizontal da representação é o conteúdo posto pelos enunciados presentes no discurso, enquanto que o eixo vertical compõe o conteúdo pressuposto a favor do discurso pela castidade. Assim só se pode evitar ver mulheres fugindo delas, do mesmo modo vê-las acarreta em desejá-la (conteúdo posto vinculado a E_2) e pressupõe que o homem acabará descendo para próximo nível e conversando com elas (conteúdo pressuposto vinculado a E_1), assim sucessivamente.

No que diz respeito ao *discurso direto livre e indireto livre* o segundo modo é mais recorrente no texto analisado, sendo o discurso direto, como do excerto 6, pouco utilizado pelo produtor do discurso.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

6.

E diz Crisostomo: A face da mulher he seta peçonhenta, ca assi como alumea o lume da lâmpada, assy o catar da mulher êardece e cria luxuria.(VEIGA, 1958 p.89)

E diz Crisostomo: A face da mulher é lança peçonhenta, pois assim como o lume da lâmpada ilumina, assim o procurar da mulher incendeia e cria luxuria.

As citações de autoridade que compõem o discurso analisado são em sua grande maioria introduzidas por meio de discurso indireto sem que lhes sejam atribuídas suas referências, fato que pode indicar maior envolvimento entre o discurso do locutor efetivo com o enunciado do Locutor retomado no texto, mas que torna impossível delimitar até onde os enunciados pertencem a **I** ou a **L**. Apesar da insistência que **I** tem em vincular os enunciados a seus respectivos Locutores não se pode, apenas pelo discurso analisado, atestar a veracidade e a credibilidade do enunciado atribuído a determinada autoridade, isso faz que o discurso possa ser facilmente questionado por um leitor mais atento.

Considerações Finais

A partir das análises feitas ao capítulo XII da obra *Virgeu de Consolaçon* ficam evidentes que os mecanismos de análise utilizados no estudo em questão podem direcionar as pesquisas sobre a heterogeneidade mostrada. Constatamos também a pertinência de novos trabalhos em Análise do discurso que contemplem, sob vários pontos de vista, a noção de heterogeneidades enunciativas apresentada por Authier-Revuz (1990).

Ainda que de modo não aprofundado, o trabalho atingiu seu objetivo inicial de desenvolver uma análise que tivesse como ponto de partida o conceito de não-neutralidade do discurso, passando pela constatação de sujeito como resultado de uma estrutura complexa para chegar a proposta de heterogeneidades enunciativas e utilizar conceitos como polifonia, pressuposição, discurso direto e indireto livre e citação de autoridade como mecanismos de estudos para a heterogeneidade mostrada.

Ao final deste trabalho constatamos a necessidade de desenvolver pesquisas mais aprofundadas em análise do discurso acerca da descentralização do sujeito, já que este se desvelou um campo fértil de estudos e riquíssimo em produtividade científica.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. **Cadernos de estudos linguísticos: Campinas** (19): 25 – 42, IEL, jul/dez 1990.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição, 1997.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

LIMA, D. P. de O significado da doutrina dos sete pecados capitais no Vigeu de consolaçon. **Revista AEDOS**, v.2, n.2 p.354-361, 2009. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9859/5712>> Acesso em 25 de setembro de 2012.

MALEVAL, M. do A. T. **Representações diabolizadas da mulher em textos medievais**. 2004. Disponível em <<http://www.abrem.org.br/copiar.php?arquivo=Represdiabolizadas.pdf>> Acesso em 02 de outubro de 2012.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes : Editora da UNICAMP, 3ª edição, 1997.

MESQUITA, D. P. C.; ROSA, F. I. **As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a análise do discurso de linha francesa**. In: *Veredas – análise do discurso*, 2/2010, p. 130-141.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 5ª edição, 2003.

VEIGA, A. de B. **Virgeu de Consolaçon: Edição crítica de um texto arcaico inédito**. Porto Alegre: Livraria do Globo S.A, 1958.